

O Estado do Tapajós – Coluna: “Cidades” 27 de agosto de 2011

O Apesar da reclamação

CALOR EM SANTARÉM ESTÁ DENTRO DA NORMALIDADE

■ Temperatura máxima do ano foi de 34,2° e sensação térmica foi de 37,4° informa especialista. Ele explica que fatores alheios ao clima provocam a sensação de calor que está incomodando a população da Pérola do Tapajó

ARITANA AGUIAR E
ALAILSON MUNIZ
DA REDAÇÃO

Apesar do forte calor que a população santarena tem sentido nesse mês de agosto, o meteorologista da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), João Feitosa, afirma que a temperatura está dentro da normalidade em Santarém. “Fato é que está dentro da normalidade o que está acontecendo em Santarém”. Feitosa acrescenta que esse forte calor sentido é, na verdade, a sensação térmica, provocada por vários fatores decorrentes do desenvolvimento da cidade.

Segundo o meteorologista, até do dia 25 de agosto, Santarém registrou a temperatura máxima de 34,2 °C, no dia 20 de agosto, às 16 horas. No entanto, o índice de calor foi 37,4° C no mesmo dia, uma hora depois. Esse é o grau de calor que a população sente e causa desconforto, que tem haver com a sensação térmica. Garante que para Santarém chegar a ter 38° ou até mesmo 40° C é um caso raro.

O meteorologista explica que há duas situações diferentes, que é a temperatura do ar e a outra é a sensação térmica. “A temperatura do ar para que se tenha uma variação é preciso ter uma mudança climática, uma mudança no microclima daquela cidade, daquela região, que aí muda a temperatura”, explica. Ressalta que não seria somente em eventos esporádicos. Mas, para mudar o clima de determinado lugar, tem que ser observado durante vários meses e anos.

O especialista afirma que Santarém, há mais de 20 anos, poderia ter mais árvores, menos veículos, circulantes, menos asfaltos, uma população menor. “Isso



Santareno procura água de coco para se refrescar.



Feitosa: sensação térmica

centando que a sensação térmica aumentou com o passar dos anos.

O professor João Feitosa afirma que um dos pontos positivos para Santarém é que não há prédios altos na frente da cidade, que barra o vento que vem do rio. Garante que se existissem muitos edifícios altos na frente da cidade, a sensação térmica seria bem maior. Reforça que para afirmar que está havendo mudanças climáticas, é necessário fazer um acompanhamento do clima durante anos. “Um evento só não caracteriza que houve mudança climática”, garante.

Por exemplo, explica que para se afirmar que determinado mês sofreu uma mudança climática é necessário observar outros períodos, num prazo de alguns anos, para ser feita a afirmação.

Quanto à sensação térmica, pode haver uma mudança por que depende da direção e velocidade do vento. É averiguada até a intensidade do vento. “A sensação térmica depende muito do vento e das condições, se tem mais áreas asfaltadas, se tem mais edificações (prédios), mais áreas de constru-

cobertura da residência, tudo isso influencia na sensação térmica”, informou.

Adensamento de veículos também trás influência sobre a sensação térmica, em razão da descarga. “Isso faz com que mude o clima urbano daquele local, isso pode mudar, e muda. Agora, o clima de modo geral de uma cidade, para mudar não é algo muito fácil”, explicou.

O especialista afirma que os meses de agosto, setembro e outubro são considerados muito secos na Amazônia. Em Santarém, também são os meses mais secos. O município tem uma particularidade quanto suas chuvas, que mais de 70% cai durante a madrugada. Porém, ressalta que ainda há ocorrência de chuvas durante a tarde.

População se defende como pode

Com a sensação térmica maior que a temperatura do ar, a população santarena tenta manter-se hidratada, defendendo-se da sensação de calor. Para isso, nada melhor do que tomar bastante

têm reclamado das vendas neste período do ano.

A vendedora de água de coco, Solange Figueiredo, conta que no verão suas vendas aumentaram quase 100%, de 30 a 40 águas de coco, por dia. No período chuvoso, ela vende bem menos. E com o forte calor desse mês de agosto, garante tem que tem vendido bastante água de coco.

A vendedora explica que o horário de pico de vendas começa ao meio-dia e vai até as 15 horas. Mas, ela chega ao centro comercial para vender a água ainda pelas 8 horas da manhã. Como o carrinho em que vende o produto fica entre dois bancos, ao seu lado ficam mais quatro vendedores de água de coco, mas garante que problemas de concorrência não há.

Para agradar o cliente e conseguir vender o produto, ela faz três tipos de preço: água de coco no valor de um real, um e cinquenta e dois reais. Revela que, às vezes, é necessário ter outra pessoa ajudando porque quando o coco acaba não pode deixar o carro de venda só, além dos clientes que